

9. Historia, Regiones y Fronteras

**A designação das línguas e a sua distribuição para falantes na Tríplice Fronteira  
Brasil-Paraguai-Argentina**

Azzali, Amanda; De Paula Machado, Carolina

amandaazzali@gmail.com; carolinapcmac@gmail.com

Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH

Programa de Pós Graduação em Linguística - PPGL

Universidade Federal de São Carlos

---

**Resumen**

Nesta pesquisa, buscamos compreender a distribuição das línguas no espaço enunciativo da região fronteiriça de Foz do Iguazu. Esse trabalho, por se inserir no interior de uma Semântica da Enunciação, objetiva tratar da relação entre línguas como uma relação política pelo modo como os falantes designam as línguas que falam e, portanto, observaremos essa questão sob uma perspectiva política, histórica e social da linguagem. A partir de nossas análises observamos em que medida a distribuição de línguas nesse espaço – línguas oficiais dos Estados que fazem fronteira, os falares decorrentes da relação linguística, como o portunhol e o jopara, ou as de imigrantes - se relaciona com o fato de as pessoas falarem e ouvirem determinada língua no seu cotidiano, o que autoriza o sujeito a falar em uma ou outra língua para assim compreender o que cada língua designa e como elas constituem os falantes. Utilizamos como *corpus* respostas de uma entrevista elaborada para esta pesquisa e anúncios encontrados em ambientes públicos para delimitar o funcionamento e a distribuição das línguas e, também, para compreender como se constituem, nas cenas enunciativas, os sentidos que designam as línguas neste espaço de enunciação, como espaço político. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, até o presente momento, os resultados de nossas análises nos mostram pelos procedimentos que os falantes locutores operam na organização do texto no acontecimento da enunciação, como a reescrituração e articulação, que o falante fronteiriço funciona como uma figura política que se mobiliza entre várias línguas e, ao enunciar ele se significa dividido pelas línguas e se posiciona ao se identificar com as condições sócio-históricas nas quais ele está inscrito.

**Palabras clave:** político, enunciação, acontecimento, fronteira, línguas

## Introducción

Os países fronteiriços com o Brasil, na América do Sul, se coincidem no contexto dos países da América Latina fadados ao processo de exploração do sistema colonial. A benefício da metrópole estrangeira, se tomaram inúmeras as situações de dependência, opressão e violência. Foram algumas particularidades no seu processo histórico que os fizeram tomar diferentes rumos no que diz respeito à economia, cultura e línguas.

No Brasil, embora o marco do descobrimento tenha sido em 1500, foi a partir de 1532 que se instalaram os primeiros portugueses e transportaram a língua portuguesa para o Brasil que então começou a ser falada em um novo espaço-tempo. É importante adiantar que essas novas condições de funcionamento da língua portuguesa não foram homogêneas ao longo dos séculos de colonização (Guimarães, 2005, p.24).

Desde o início do período colonial, segundo Guimarães, as línguas no Brasil eram relativamente diversificadas. Neste espaço, conviviam a língua portuguesa, que era falada por uma minoria de pessoas que atuavam em funções administrativas ou religiosas, a língua holandesa e as línguas dos indígenas, e a “língua geral”, que era uma língua de contato entre os indígenas, portugueses e todos os demais, predominante neste momento, estendendo-se, por volta de 1654, para as línguas africanas.

Com o aumento da imigração portuguesa, conseqüentemente o número de falantes específicos da língua portuguesa cresceu e, após mais de dois séculos de predomínio, na segunda metade do século XVII a língua geral começou a entrar em decadência, reforçado pela política do marquês de Pombal, em 1758, obrigando, oficialmente, o uso da língua portuguesa, e por fim, a expulsão no ano seguinte dos jesuítas.

E então, conforme Guimarães (2005), a questão da língua portuguesa como nacional no Brasil é oficialmente formulada quando chegaram por volta de mais de 15.000 portugueses e o Rei D. João VI fundou a Imprensa e a Biblioteca Nacional, o que resultou em um efeito de unidade do português no Brasil. Posteriormente, iniciaram-se as relações entre o português e as línguas de imigrantes e, entre 1818 e 1820, entraram no Brasil falantes de diversas línguas, como alemão, italiano, japonês, holandês, inglês, entre outros.

Nesse sentido, é possível constatar que a relação entre as línguas de diferentes grupos de falantes, dada por vários motivos e de diversas formas, resultou no processo, ao longo dos séculos, da relação entre as línguas e contribuições para suas particularidades nos vários níveis da língua portuguesa falada no Brasil. Apesar de toda essa diversidade linguística presente no espaço

de enunciação do Brasil, temos o português considerado língua oficial e nacional do Estado brasileiro produzindo-se um imaginário de ser a única língua falada pelos brasileiros, mesmo na atualidade.

Uma das línguas que está em constante relação com o português brasileiro é o espanhol, já que é a língua falada pelos países que fazem fronteira com o Brasil. Nas escolas brasileiras, ou seja, por meio da instituição de ensino, a política linguística educativa de ensino de línguas estrangeiras no Brasil incluiu em 2005 o ensino do espanhol, como disciplina optativa, já que a disciplina de língua inglesa já forma parte obrigatória do currículo. A Lei 11.161/2005 definiu a obrigatoriedade de oferta do espanhol no sistema educacional brasileiro, implantada em um momento de dada relevância e imposição do grupo do MERCOSUL, mas, infelizmente, no atual governo de Michel Temer, foi revogada.

De todo modo, as línguas continuam em relação, isto é, apesar de a língua espanhola não estar mais fazendo parte da realidade do ensino no Brasil, esta língua está presente, sobretudo, nos espaços de enunciação das fronteiras brasileiras com os demais países da América do Sul.

Assim, buscamos tratar da relação entre o português e as demais línguas presentes especificamente na região de tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e

Argentina na cidade de Foz do Iguaçu, no estado brasileiro do Paraná, de modo que temos, portanto, a relação entre as línguas consideradas oficiais pelos três Estados em questão: o português, o espanhol e o guarani, os falares decorrentes da relação entre essas línguas, por exemplo, oportunhol e, também, as línguas de imigrantes.

Esta região fronteiriça é conhecida internacionalmente pelas Cataratas do Iguaçu que alavanca o turismo e comércio na região e proporciona a geração de energia elétrica pela Usina Hidrelétrica de Itaipu, a segunda maior do mundo em tamanho e primeira em geração de energia. Segundo o IBGE (2016), esta região que além da fronteira com o Paraguai, também faz divisa com o Estado argentino, corresponde a uma área urbana com mais de 700 mil habitantes.

Ademais, é em Foz do Iguaçu que está a UNILA – Universidade Federal da Integração Latino - Americana, universidade criada pela Lei 12.189/2010, cuja instituição faz parte de um projeto único, pois trata-se de uma universidade aberta para toda a comunidade da América Latina e Caribe. Portanto, a cidade de Foz do Iguaçu recebe um grande fluxo de diversas culturas e línguas. A movimentação de brasileiros, argentinos, paraguaios, entre outras nacionalidades na cidade brasileira e nas cidades que fazem fronteira com ela é

intensa de maneira que as línguas estão em constante relação neste espaço de enunciação, tornando-se, assim, interessante para a investigação da política de línguas, isto é, da relação entre as línguas dessa região.

Consideramos a relação entre línguas a partir de um funcionamento histórico e, nessa perspectiva, procuramos observar de que modo estas línguas produzem sentidos ao serem distribuídas e como esses modos de distribuição configuram modos de acesso à palavra na relação entre falantes e línguas, os espaços de enunciação.

Nesse sentido, embora o espaço fronteiriço se caracterize, de uma maneira geral, por uma política de divisão de Estados pelo arranjo dos blocos, a dinâmica da fronteira coloca os sujeitos em contato por diversas necessidades, desenvolvendo, inclusive, modos de comunicar-se, como por exemplo, mesclar duas línguas para melhor interagir com o seu vizinho, o seu cliente, o seu parente ou patrão.

Portanto, não nos interessa a fronteira geográfica, e sim os sujeitos políticos e históricos que habitam, circulam e se mobilizam, determinando os sentidos de viver na fronteira, que ultrapassam a noção de limite, uma vez que as línguas, objeto de nosso interesse, extrapolam as delimitações do território nacional. Em outras palavras, esse movimento característico dos espaços fronteiriços nos

interessa na medida em que coloca as línguas em relação com o sujeito, para assim se significarem, dando margem ao interpretável para, então, podermos entender de que modo essas línguas se constituem para esses sujeitos em suas práticas sociais cotidianas em meio à determinação das políticas oficiais de três Estados sobre as línguas.

### **Objetivos**

Nossa análise busca alcançar uma melhor compreensão acerca da relação entre as línguas presentes no espaço fronteiriço de Foz do Iguaçu. Nesse sentido, buscamos entender as relações (históricas e políticas) entre as línguas presentes nesse espaço numa perspectiva enunciativa, isto é, compreender os modos de produção de sentido sobre as línguas analisando como os falantes as designam e compreender como se marca a identificação dos sujeitos falantes na/pela língua em alguns textos orais produzidos por cidadãos habitantes da região em questão e em materiais diversos de locais públicos como anúncios de lojas, fachadas de restaurantes, sinalização de trânsito, etc.

Objetivamos identificar como a relação política entre as línguas portuguesa, espanhola e guarani determinam os falantes distribuindo os lugares de dizer, na possível relação com outras línguas. Isto é, observar como as línguas em questão entraram em relação,

como estas relações se desenvolveram, que relações de poder se configuram e o que estas relações dizem respeito aos falantes destas línguas.

Refletiremos em que medida essa distribuição de línguas se relaciona com o fato de as pessoas falarem e ouvirem determinada língua, o que uma língua ou outra autoriza o sujeito a falar com determinadas pessoas sobre certos assuntos. Em outras palavras, de que forma falar uma língua ou outra permite que o sujeito fale e seja ouvido no espaço enunciativo.

Desse modo, nossa análise busca compreender o que essas línguas designam neste espaço de enunciação de fronteira, levando em conta as complexas relações (de poder) entre as línguas em sua exterioridade histórico-social.

## **Materiales y Métodos**

A análise baseia-se, a princípio, no dizer dos falantes sobre as línguas e o uso das línguas no espaço de enunciação fronteiro da cidade de Foz do Iguaçu, no Brasil.

Situaremos-nos nos pressupostos da Semântica do Acontecimento que assume que a análise do sentido deve considerar que a linguagem fala de algo, de que o que se diz é construído na e pela linguagem. Esta teoria assume que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, isto é, do acontecimento do dizer.

Assim, entendemos a enunciação como acontecimento o qual é a exposição da língua ao real, a instauração da temporalidade, da historicidade do sujeito, da língua e dos sentidos. De acordo com Guimarães (2005a), “é o acontecimento que temporaliza”, que determina o sujeito e a enunciação, constituindo-se de um passado, instaurando um presente e uma latência de futuro (“uma futuridade”), e é nessa latência que se encontra a significação, o interpretável.

Importante ressaltar que a noção de tempo com a qual trabalhamos aqui é referida pelo simbólico, por uma historicidade que configura a temporalidade, a relação entre os tempos, e por isso expõe a língua ao real. Por isso, o acontecimento é o que produz o sentido e o passado no acontecimento se faz através de rememorações de enunciações, isto é, recortes de enunciações prévias no acontecimento, o que é chamado de memorável.

Dessa forma, a Semântica do Acontecimento tem em vista a percepção dos sentidos no acontecimento enunciativo, o que inclui falantes que são sujeitos afetados pelo simbólico que se localizam em um tempo e um espaço. Nessa medida, estes sujeitos são afetados pela língua, pelo modo como estas línguas estão distribuídas a estes falantes e, nesse contexto, temos o conceito de Espaço de Enunciação, que de acordo com Guimarães se configura



pelo modo de distribuição das línguas em um determinado espaço de enunciação, enquanto um espaço determinado pelas línguas e relacionado aos falantes que nesse espaço convivem politicamente. Desse modo, pensamos no espaço de enunciação enquanto o lugar em que o sujeito constitui suas relações com outros sujeitos pelas línguas que falam. Lugar no qual o sujeito se constitui na alteridade significando, onde o simbólico se expõe ao real, produzindo significação. Nesse sentido, o real é, portanto, quando atravessado pelo simbólico, significado e, por isso, nos interessa saber os modos pelos quais a materialidade simbólica significa esse real.

Dessa forma configura-se a cena enunciativa, que se caracteriza “por constituir modos específicos de acesso à palavra dada as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Guimarães, 2005a, p.23). Em outras palavras, trata-se da maneira como os sentidos, no acontecimento, se apresentam e fazem com que o sujeito seja percebido pela linguagem, determinado pela deontologia que permite a produção, o direcionamento dos sentidos para as figuras da enunciação, isto é, os sujeitos.

Ao tratarmos do sujeito como significado, constituído pela Cena no Acontecimento, temos que refletir sobre a contradição que caracteriza esse Acontecimento enquanto promovido pela

língua/linguagem e suas funções. Essa contradição se dá entre uma normatividade, práticas discursivas legitimadas sócio-historicamente na relação entre sujeitos, que constituem seus lugares na linguagem e a afirmação de pertencimento dos não incluídos nessas práticas, que também são sujeitos determinados pela língua e são caracterizados pela resistência e diferença dessa normatividade. Trata-se do Político, da hierarquização dos sujeitos pelo funcionamento da linguagem enquanto determinados e identificados por esses espaços de enunciação.

Desse modo, é no acontecimento que o sujeito se constitui por seus dizeres. Estes dizeres conferem ao falante o que o autor chama de “papeis enunciativos ou lugares sociais de dizer” que se constituem na e pela linguagem e, por estar afetado pelo esquecimento, o sujeito se apresenta como locutor, um locutor L, o qual se posiciona como fonte do dizer quando toma a palavra para si (Guimarães, 2005a, p.24.). Entretanto, ele enuncia afetado pelo lugar social que ocupa, trata-se do locutor-x, isto é, quando é predicado pelo lugar social, fala de um lugar social a partir dessa constituição de figuras enunciativas, pelo agenciamento enunciativo que é político, que temos a produção de sentidos, o estabelecimento de relações e a hierarquização dos sujeitos e das línguas pelo dizer.

Como consequência podemos refletir em que medida o embate entre as línguas, e os discursos sobre as línguas, produzem sentidos sobre o real, constituem os sujeitos e, em que proporções estes podem ser percebidos historicamente no espaço enunciativo que é caracterizado como um espaço de relação entre línguas e falantes. O sujeito tem seu dizer regulado pelo espaço de enunciação, o qual determina os lugares e os modos de dizer. Assim, os sentidos que se constituem em um espaço de enunciação decorrem dessa relação de línguas e falantes. Desse modo, o espaço de enunciação que nos interessa nesta pesquisa é Foz do Iguacu, cidade localizada geograficamente no Brasil e que tem como língua oficial e nacional o português, tendo como foco a tríplice fronteira com a Ciudad del Este, Paraguai, onde a língua espanhola e guarani são as línguas oficiais do Estado e, por isso, esses idiomas também são línguas nacionais (ademais, temos o fenômeno das línguas jopara e portunhol), e Puerto Iguazú, Argentina, onde a língua oficial é a espanhola.

Utilizaremos o conceito de designação para nossa análise dos enunciados produzidos pelos falantes. Entendemos a designação como ponto chave para nossa análise na medida em que este conceito trata da significação de um nome como “uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao

real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (Guimarães, 2005a, p.9). Não se trata de um sentido fixo ou único, mas do modo como o presente do acontecimento trabalha sobre a latência de significação da palavra, repetindo e/ou deslocando sentidos. Ademais, nos é muito importante o conceito de referência, também desenvolvida por Guimarães (2005a), pois ao olhar o funcionamento enunciativo das línguas, podemos observar nesses dizeres uma retomada de algo já enunciado, já regulado pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas e os modos de enunciar na e pelas línguas, este é o conceito de referência. Em outras palavras, este conceito é uma retomada de enunciações organizadas no dizer, pontuando o funcionamento da designação.

Nessa perspectiva, poderemos compreender como estes falantes designam as línguas que falam, através do qual funcionará a referenciação no acontecimento, na medida em que é o próprio acontecimento que refere e nomeia e, portanto, é na designação o lugar próprio de constituição dos sentidos.

Dessa forma, analisar a designação compreende a análise de dois procedimentos de textualidade: a reescrituração e a articulação. O processo de reescrituração é constitutivo da enunciação e é através das reescrituras que os procedimentos de predicação funcionam dentro de determinado texto,

na medida em que, a cada reescritura, temos a produção de novos sentidos no modo de referir. Assim, ela nos permitirá compreender o que essas línguas designam para seus falantes nas diversas cenas enunciativas, os memoráveis recortados e, assim, entendermos a relação dessas línguas com seus falantes e a maneira como estes são agenciados por elas.

O procedimento da articulação envolve a análise da argumentação, tal como é trabalhada por Eduardo Guimarães no âmbito da sua teoria enunciativa. Segundo o autor, a articulação “diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (Guimarães, 2007, p.88). Este mecanismo nos será importante para entendermos a forma como o acontecimento movimenta as argumentações dos entrevistados em relação às línguas no espaço enunciativo.

Portanto, é nessa linha teórica que desenvolveremos nossas análises, objetivando compreender o que as diversas línguas designam para seus falantes e os memoráveis envolvidos que sustentam os dizeres sobre a linguagem e a questão das relações entre as línguas no espaço enunciativo de fronteira. Analisaremos as relações entre as línguas existentes nesse espaço de enunciação, como essas línguas se relacionam e como

os sujeitos inseridos nesse espaço de divisão se identificam. Assim, procuramos perceber como se dão as relações entre esses sujeitos falantes nesse espaço de enunciação e, em que medida se dão as divisões entre essas línguas por estarem nesses espaços determinados. É sob a ótica da linguagem como constituinte de relações e sujeitos e que é vista sob uma perspectiva sócio-histórica na qual e por meio dela instauram-se relações por meio da linguagem, que analisaremos nosso *corpus*.

## Resultados y Discusión

Para exemplificar os resultados que obtivemos até o presente momento de nossa pesquisa, trataremos primeiramente de um recorte de uma das entrevistas realizadas e o segundo exemplo, uma análise de um dos anúncios que fotografamos na cidade de Foz do Iguaçu.

Exemplo (1): *Então, português, espanhol e guarani, mas acho que aqui é só do lado do Paraguai que falam guarani. Ou se for do lado daqui, quando estão entre eles. É mais espanhol e português. E tem o portunhol. O portunhol também é bem falado aqui. Quem não fala espanhol, fala portunhol. Quem não fala português, fala portunhol e no fim das contas todo mundo fala e se entende. Só ter boa vontade. E não é só turista que arrisca, as pessoas que vivem aqui são as que mais falam portunhol. Até por que existe uma relação*



*comercial, por exemplo, se eu vou na Argentina comprar vinho e o atendente não fala português, ele quer vender. Então ele tenta falar português e acaba arrastando o portunhol. No Paraguai a mesma coisa.*

Nesse recorte, temos *Português, espanhol e guarani* que reescrevem línguas. *Português* é reescrito por repetição quatro vezes. *Espanhol* também é reescrito por repetição três vezes. E *portunhol*, pela primeira vez, aparece reescrevendo línguas e reescrito por substituição cinco vezes ao longo deste recorte.

Em “*Então, português, espanhol e guarani, mas acho que aqui é só do lado do Paraguai que falam guarani*”, temos um Locutor que ao apresentar as reescrituras de línguas (português, espanhol e guarani) estabelece que são essas as línguas presentes na região, mas por estar agenciado pelo memorável da fronteira enquanto divisão de territórios, temos *Paraguai* determinando *guarani* e *aqui* (Brasil) determina *espanhol, português e portunhol*. E, assim, pelo uso do *mas* em “*mas acho que aqui é só do lado do Paraguai que falam guarani*”, há uma oposição ao que foi dito anteriormente. Essa oposição nos mostra a perspectiva de E2 que nega a perspectiva de E1, orientando para a conclusão de que *guarani só é falado no Paraguai*.

No entanto, logo na sequência, “*Ou se for do lado daqui, quando estão entre eles*”, a presença de *ou* introduz um novo argumento sobre o funcionamento do guarani nesse espaço de enunciação. De acordo com Guimarães (2007, p. 105), “no caso de *X ou Y* o tema é dado da perspectiva do locutor (de um enunciador que coincide com o locutor)”.

Nesse sentido, considerando este enunciado na relação com o anterior “*(...) só do lado do Paraguai que falam guarani. Ou se for do lado daqui, quando estão entre eles*”, temos o *ou* que não funciona necessariamente para articular argumentos, mas para apresentar este locutor que põe mais um argumento em relação ao tema: *se for do lado daqui [do Brasil], quando estão entre eles [os paraguaios falam guarani]*. E, nesse sentido, reforça o argumento de que o guarani só é falado nesse espaço de enunciação, por paraguaios, de modo que “*é mais português e espanhol*”.

Ademais, podemos observar pelas expressões *do lado daqui* ou *do lado do Paraguai*, como o memorável da fronteira enquanto divisão territorial, limite entre um lado e outro, continua presente e agencia o falante. Esse memorável sustenta esse lugar social de brasileiro, de que a fronteira separa uma nação de outra. No entanto, esse enunciado também nos mostra que as línguas não se restringem à fronteira geográfica, pois no caso do guarani, a língua circula onde há falantes.

Além disso, nesse recorte, este locutor ao reescrever *língua* por *portunhol*, especifica como *língua* mais uma prática linguística em funcionamento nesse espaço em relação de antonímia com as demais línguas mencionadas. E, portanto, em relação a esta língua ele diz que: “*Quem não fala espanhol, fala portunhol. Quem não fala português, fala portunhol e no fim das contas todo mundo fala e se entende. E não é só turista que arrisca, as pessoas que vivem aqui são as que mais falam portunhol*”.

Nesse sentido, o que podemos apreender nesse enunciado é que *portunhol* é uma língua que é significada enquanto língua de todos. Isto é, independentemente das línguas que um falante possa falar, sendo habitante ou não da região, o *portunhol* é uma língua que todos falam e que *no fim das contas todo mundo se entende*, ou seja, trata-se de uma língua franca.

No entanto, quando o locutor diz que “*Então ele tenta falar português e acaba arrastando o portunhol*”, temos nesse enunciado *português* articulado a *falar* e *portunhol* articulado a *arrastar*. Ao fazer o uso do verbo *arrastar*, temos um efeito de sentido sustentado pelo memorável de que o *portunhol* é uma língua de improvisação, de entremeio, de um sistema indefinido, ao contrário de *português* que *se fala*.

Exemplo (2):



Imagem 2. Fachada de um restaurante, que anuncia seu produto.

Nesta imagem, temos o enunciado: “*Brasa Burger – hamburgueria & shawarmeria*”. O nome do estabelecimento “*Brasa Burger*” é reescrito por expansão por *hamburgueria* e *shawarmeria*. Em *Brasa Burger*, temos a palavra *brasa* em português articulada a *burger*, palavra inglesa. Além disso, a construção do substantivo *brasa* que antecede a palavra *burger*, busca reproduzir a sintaxe da língua inglesa.

Em *hamburgueria* e *shawarmeria* vemos a divisão da língua portuguesa na medida em que se esta relaciona com a língua inglesa e árabe respectivamente. Nesse caso, o locutor-comerciante enuncia uma palavra derivada constituída por esta relação. Dessa forma, no processo morfológico de derivação com o acréscimo à palavra inglesa *hamburger*, o sufixo da língua portuguesa *-eria*, resulta em um substantivo, para designar o local onde há, onde se encontra, onde se produz, tal coisa.

De maneira semelhante é o que ocorre com a palavra *shawarmeria*, presente no mesmo enunciado, que por conta da relação com a língua árabe, a língua portuguesa é afetada pelo caráter político e, portanto, dividida. “Shawarma” é uma palavra árabe que significa um tipo de lanche de pão árabe, recheado e enrolado.

## Conclusiones

A partir do nosso primeiro exemplo, observamos que, no recorte apresentado, para este falante inserido nesse espaço de enunciação funcionam enquanto línguas, o portunhol, o guarani, o espanhol e o português. Apesar de mencionar a língua inglesa, em outro momento da entrevista, por conta do memorável referente a todo um discurso sobre esta ser a língua franca por excelência, mais adiante ele reconhece que esta não funciona nesse espaço. Na verdade, como pudemos ver no exemplo (1), ele nos mostra que a língua franca é o *portunhol*.

Outro ponto é que por meio de expressões como “é só do lado do Paraguai” ou “do lado daqui”, vemos que este locutor é constituído pelo memorável da fronteira geográfica. Para ele, espanhol e português são as línguas faladas no Brasil e por brasileiros e o guarani falado somente por paraguaios. Mas, ao falar sobre o guarani e os paraguaios - “Ou se for do lado daqui, quando estão entre

*eles*” este falante nos mostra que, na verdade, as línguas circulam além dessa fronteira entre os países.

Na análise da imagem, temos já uma amostra de como se organizam as línguas neste espaço. As enunciações significam as relações entre as línguas na medida em que há a representação dos falantes das línguas presentes neste espaço. No caso do exemplo (2), observamos a presença de línguas de imigração, como o árabe, quando se inscreve morfológicamente na relação com a língua portuguesa. Esse acontecimento enunciativo traz a questão do imigrante árabe que ali vive. E também a língua inglesa, quando esta se enuncia para designar produtos à venda no estabelecimento.

Assim, a partir do que observamos até o presente momento da nossa pesquisa, percebemos pelo modo que os sujeitos designam as línguas (por exemplo, no uso de expressões como “aqui”, “do lado de lá”, etc.), que esse sujeito fronteiriço, no caso da tríplice fronteira em Foz do Iguazu, de uma maneira geral, está constituído por uma divisão entre ser brasileiro e ser habitante da fronteira. Também nos mostra que nesse espaço de enunciação são as línguas espanhola e portuguesa que funcionam de modo dominante. Assim, ao contrário de outros espaços enunciativos em que a língua inglesa ocupa um lugar de língua franca, nesse espaço, vemos

que não há lugar para esta língua. Além disso, há uma determinação em relação ao português enquanto uma língua, que também se faz presente no cotidiano desses falantes.

Nesse sentido, este espaço com suas particularidades, é um espaço entre disputa entre línguas, divididas pelo movimento hierárquico próprio do político. Esta divisão, em outras palavras, é consequência da relação da língua com os falantes e, dessa forma, se estabelece hierarquicamente, desigualmente, de acordo com as relações de importância que a constituem.

### **Bibliografía**

Guimarães, E. (2005). A Língua Portuguesa no Brasil. *Revista Língua e Cultura*, 57(02).

Guimarães, E. (2005a). *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, Brasil: Pontes.

Guimarães, E. (2007). *Texto & Argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, Brasil: Pontes.

IBGE. (2016). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2016*. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br>